

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROLIND**

**CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA TUPINIKIM GUARANI**

LINGUAS INDÍGENAS, créditos 2, C/Horaria 60 - 1º Módulo

Prof. José R, Bessa Freire e Suely Cabral

Línguas indígenas

Ementa: Diversidade cultural e lingüística dos povos indígenas no Brasil. História das línguas e políticas lingüísticas. Estudos sobre as línguas de povos indígenas do Espírito Santo (Tupi e Guarani). O quadro de deslocamento lingüístico. Noções de língua em contato, bilinguismo e ideologia lingüística.

Bibliografia Básica:

MONTSERRAT, Ruth. “Línguas indígenas no Brasil contemporâneo”. In Grupioni, L.D. (org.). **Índios no Brasil**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. pp.93-104.
TEIXEIRA, Raquel. “As línguas indígenas no Brasil”. In. Lopes da Silva & Grupioni (orgs.). **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. pp.291-311.
URBAN, Greg. “A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas”. In. Carneiro da Cunha, Manuela (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pp.87-102.

Bibliografia Complementar:

SEKI, Lucy, ed. **Lingüística indígena e educação na América Latina**. Ed. da Univ. Estadual de Campinas UNICAMP, 1993.
FRANCHETTO, Bruna. A fala do chefe: Gêneros verbais entre os Kuikuru do Alto Xingu. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 4 (2012).
FREIRE, José Ribamar Bessa. Território, Língua e Literatura Oral na Amazônia. *Revista Habitus*, Vol. 7, n1/2, 2009 pp.99-123

MAHER, Terezinha Machado. Políticas lingüísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia Ocidental Brasileira. *Currículo sem fronteiras* 10.1, 2010: 33-48.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. Editora Vozes, 1998.

Tradição oral e memória indígena: a canoa do tempo. América (1992).

A língua é a canoa do tempo

Um dos temas do curso é língua e a importância da comunicação nas dinâmicas sociais. Lembrando os intensos fluxos migratórios, as trocas festivas, matrimônios e

comerciais entre os grupos étnicos do Rio Negro a diversidade da língua é facilmente percebida. Bem como, torna-se patente a diversidade e riqueza de intercâmbios de práticas cotidianas, religiosas e científicas dos povos do Rio Negro.

Posteriormente, estes povos vivenciaram a violência da colonização e certa imposição de novos costumes e línguas em um movimento de padronização que contribuiu para abandono de algumas línguas maternas faladas pelos mais de 23 povos indígenas no rio Negro, mas certamente não o abandono geral do bilingüismo ou plurilingüismo. Veja o quadro abaixo.

Identidade e deslocamento linguístico na Amazônia Brasileira

Deslocamento Linguístico – variação temporal do uso das línguas a partir das classificações da época feita pelos portugueses quanto à inserção do indígena na sociedade ocidental

LV: Língua Vernácula; LVS: Línguas Vernáculas; LGA: Língua Geral Amazônica; LP – Língua Portuguesa

É interessante perceber que as classificações que indicam o processo de ‘civilização’ dos indígenas em relação à língua, indicam que a integração do sujeito indígena se dava a partir da capacidade de comunicação. Capacidade esta que dá acesso a muito mais do que apenas o contato e o diálogo, ela possibilita novas trocas e novos processos de produção de conhecimento e, portanto, manejo das dimensões de um cotidiano novo, trazido pelos colonizadores.